



## PECULIARIDADES DO CLÍTICO *SE* E SEU (DES)USO EM ESTRUTURAS TRADICIONALMENTE CLASSIFICADAS COMO REFLEXIVAS NO FALAR CONQUISTENSE

Jodalmara Oliveira Rocha Teixeira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: mmara.teixeira@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

Embora tradicionalmente integrado ao paradigma dos pronomes pessoais reflexivos (cf. CUNHA, 1986; BECHARA, 2004), o pronome clítico *SE*, conforme sublinham Monteiro (1994) e Castilho (2016), por exemplo, apresenta várias possibilidades de construção nas quais não desempenha a função reflexiva propriamente dita. Ademais, para além das funções que o clítico pode desempenhar, comporta-se de modo peculiar nas estruturas que integra. Segundo Oliveira (2006), no Português Brasileiro contemporâneo, o *SE* dito reflexivo pode ser: (i) suprimido; (ii) neutralizado na forma da 3ª pessoa; (iii) inserido em contextos onde não é esperado ou (iv) duplicado. De acordo com a autora, o apagamento do *SE* é característico do falar mineiro, a neutralização é um fenômeno pabrasileiro e a inserção e a duplicação do clítico são fenômenos nordestinos. Instigados por essas peculiaridades, é nosso objetivo, neste estudo, analisar e descrever a variação entre a presença e o apagamento do clítico *SE*, em estruturas tradicionalmente classificadas como reflexivas, na fala de informantes do Português Popular e do Português Culto de Vitória da Conquista - BA.

### METODOLOGIA

Partindo da hipótese de que fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) condicionam o (des)uso do clítico *SE* na fala dos conquistenses, analisamos, neste estudo, à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Histórica e das ferramentas metodológicas da Sociolinguística Variacionista, dados extraídos das 48 entrevistas que compõem os dois *corpora* orais, o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC), constituídos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em



Sociofuncionalismo/CNPq – *Janus*. Esses *corpora* são estratificados quanto ao sexo (masculino/feminino), tempo de escolarização (informantes menos escolarizados - com até 4 anos de escolarização/informantes mais escolarizados - com 11 anos ou mais de escolaridade) e faixa etária dos informantes (*Faixa I*: de 15 a 35 anos; *Faixa II*: de 36 a 49 anos; *Faixa III*: de 50 anos em diante). Para testar a nossa hipótese, controlamos, em relação à variável dependente (*Presença e Apagamento do SE*), oito variáveis linguísticas (*Tipos de SE; Classe semântica do verbo; Transitividade do verbo; Função sintática do SE; Colocação do pronome na cláusula; Papel temático do sujeito; Animacidade do sujeito e Pessoa do sujeito*) e três sociais (*Escolaridade, Faixa etária e Sexo*). Levantadas as ocorrências de (des)uso do SE, esses dados foram submetidos ao Programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), cujos números gerados são analisados e discutidos a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os fatores controlados, foram selecionados como relevantes, nesta ordem: (i) *escolaridade*; (ii) *tipos de SE*; (iii) *faixa etária* e (iv) *classe semântica do verbo*. Das 617 ocorrências coletadas, 489 apresentaram o clítico adjungido ao verbo, enquanto que, em 128, ele foi apagado. Em valores percentuais, esses números representam, respectivamente, **79,3% de presença** contra **20,7% de apagamento** do clítico, evidenciando-se a preferência pelo uso.

Em geral, os trabalhos dedicados ao estudo do SE no Português do Brasil (doravante PB) apontam uma tendência ao apagamento do clítico, como em pesquisas desenvolvidas por Nunes (1995) e Rocha (1999), por exemplo, na região Sudeste do país. Em outras regiões, entretanto, o uso do clítico se mantém e se estende a contextos diversos, conforme apontam Freitag (2003), na cidade sulista de Florianópolis (onde, mediante estudo empírico, constatou uma alta frequência de uso do SE), e Mello (2009), na cidade nordestina de João Pessoa, cujos resultados gerais (85% de presença contra 15% de apagamento) assemelham-se aos nossos. Dando prosseguimento à discussão, expomos os resultados das variáveis selecionadas, a começar pelas linguísticas.



a) **Tipos de SE** - Os resultados dessa variável revelaram o seguinte *continuum hierárquico*: *SE reflexivo* (0,77) > *SE recíproco* (0,70) > *SE indeterminador* (0,46) > *SE inerente* (0,35) > *SE ergativo* (0,32), indicando que os clíticos *reflexivos* e *recíprocos*, com pesos relativos de 0,77 e 0,70, respectivamente, são mais propensos ao uso na comunidade por nós investigada. Constituindo o grupo não-reflexivo, os demais tipos de SE - *SE indeterminador* (0,46), *SE inerente* (0,35), *SE ergativo* (0,32), foram os que se mostraram mais sensíveis ao apagamento.

b) **Classe semântica do verbo** - Em relação a essa variável, os fatores *média de emoção* (0,73), *média indireta* (0,69) e *indeterminação do agente* (0,55) são aqueles que mais favorecem a aplicação da regra de presença do clítico. A classe *movimento não-translacional* encontra-se exatamente no ponto neutro (0,50) e as demais, pelo baixo valor atribuído, revelam-se contextos menos favorecedores do uso do SE. Nos contextos em que o clítico é argumental - classes semânticas *mudança na postura corporal* (0,01), *cuidado corporal* (0,28) e *movimento translacional* (0,35), ele tende a ser apagado, enquanto que a presença do clítico é favorecida nas situações linguísticas em que não mais expressa reflexividade.

c) **Escolaridade** – O fator *culto*, cujo peso relativo é de 0,64, figura como aquele que mais influencia a presença do SE, em oposição ao fator *popular*, que compreende informantes menos escolarizados, refletido num peso de apenas 0,10. Conforme prevíamos, os resultados obtidos confirmam que os informantes do PCVC tendem mais ao uso do SE. A esses resultados, atribuímos o fato de o apagamento ser percebido com um certo grau de censura, levando-nos a pensar o uso do SE na esfera do que Labov (1980) chama de “marcador”.

d) **Faixa etária** – Relativamente a essa variável, os resultados evidenciaram que são os informantes da *Faixa II*, com peso relativo de 0,60, e não os mais velhos, como supúnhamos, os mais propensos ao uso do SE. Próximos ao ponto neutro estão os falantes mais jovens, cujo peso relativo é de 0,55, indicando, assim, uma certa estabilidade quanto à aplicação da regra. O peso de 0,37, atribuído à terceira faixa, mostra que os informantes mais velhos são os que mais apagam o SE.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos e descrevemos o comportamento do clítico SE em estruturas tradicionalmente classificadas como reflexivas na fala de informantes do Português Popular e do Culto de Vitória da Conquista - BA. Das 617 ocorrências coletadas, identificamos um total de 79,3% de *presença* contra 20,7% de *apagamento* do clítico, evidenciando-se, assim, a preferência dos conquistenses pelo emprego do item ao seu apagamento. Quanto ao condicionamento linguístico, a presença do SE revelou-se sensível ao *tipo de clítico* e à *classe semântica do verbo*. Relativamente ao condicionamento social, verificamos que o uso do clítico é mais favorecido entre os informantes *mais escolarizados* e da *faixa etária intermediária*.

O que os nossos resultados revelam é que o SE, dito reflexivo, tem seu uso expandido em Vitória da Conquista. Levando-se em consideração a trajetória do clítico no PB, observamos que, além de assumir várias funções (algumas mais frequentes; outras, caindo em desuso), ele se comporta, em alguns casos, como parte integrante do verbo, fato que se coaduna com o uso muito frequente de “selascar”, “sefoder”, “verbos” conjugados, sem restrições, com todas as pessoas, sobretudo na fala popular.

Destarte, esperamos, com este trabalho, contribuir para ampliar o cenário nacional dos estudos linguísticos desenvolvidos no âmbito da temática por nós abordada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clítico SE; Vitória da Conquista; Variação Linguística.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Edição Revista e Ampliada. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2004[1966].

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uma hipótese de gramaticalização do pronome reflexivo se na fala de Florianópolis. *Working papers em Lingüística*, n 7. Florianópolis, CPGLg, 2003.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

LABOV, William. The social origins of sound change. In: Labov, William. (ed.), *Locating Language in Time and Space*. New York: Academic Press. Pp. 251-266.

MELLO, Fernanda Rosário de. “Acabou-se o que era doce. Quem comeu se regalou-se”: Uma análise do clítico se em João Pessoa na interface Sociolinguística/Gramaticalização. 322f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NUNES, Jairo. *Ainda o famigerado se*. D.E.L.T.A., v.11, n.2, p.201-240, 1995.

OLIVEIRA, Marilza de. *Nós se cliticizou-se?* In: LOBO, Tânia Conceição Freire *et al.* Para a história do português brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 6, t. 1-2. P. 413-424.

ROCHA, Angela de Fátima. *Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. Goldvarb X: um aplicativo de regra variável para Macintosh e Windows. Departamento de Linguística, Universidade de Toronto, 2005.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**